

21/7/1986

Negociação, para impedir que o movimento se alastre.

Representantes da Faesp e da Fetaesp vão reunir-se hoje na DRT, em São Paulo, para discutir com o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, o cumprimento do acordo firmado no dia 25 de junho, e a possibilidade de novas cláusulas que ponham fim à greve dos bóias-frias no interior do Estado. O próprio ministro externou, na semana passada, sua preocupação a sindicalistas da região de Ribeirão Preto, sobre uma possível paralisação nacional de cortadores de cana que, segundo ele, poderia tomar o regime "insustentável".

Na reunião de hoje, Pazzianotto tentará, segundo seus assessores, forçar um rápido entendimento entre empresários e trabalhadores para pôr fim às greves nas regiões de Ribeirão Preto e Leme, e em Capivari, cidade onde nasceu. Por isso, convocou também dirigentes da Orplana (Organização dos Plantadores de Cana do Estado) e do Sindicato do Açúcar e do Alcool, que congrega usinas e destilarias.

Os usineiros do Norte paulista, principais produtores de açúcar e álcool do País, porém, afirmam não ter idéia do que Pazzianotto irá propor. Já os dirigentes sindicais esperam que os empresários sejam pressionados a cumprir o acordo em vigor, que denunciam não estar sendo respeitado, e a assinatura de novas cláusulas, como elevação do preço da diária e da tonelada de cana cortada e redução da jornada de trabalho aos sábados.

A principal tônica das negociações, entretanto, será em torno do cumprimento da chamada Súmula 90, que determina o pagamento das horas gastas pelas bóias-frias, durante as viagens aos canaviais, quando já estão à disposição dos empregadores. A sugestão foi feita por um advogado da Fetaesp, Jorge de Souza, que calcula um acréscimo médio de 32% aos salários, caso esse item da lei "seja respeitado".

O que poderá apressar os entendimentos é o fato de que o movimento na região de Ribeirão Preto ganhou novas adesões nos últimos dias e tende a se alastrar a partir de amanhã, se persistir o impasse. São 20 mil cortadores de cana paradas há cinco dias em Sertãozinho e Serrana e mais cinco mil em Santa Rosa de Viterbo e Cajuru, quase a totalidade da categoria nestas cidades, segundo os sindicalistas. Mas, de acordo com os usineiros, a paralisação atinge apenas 12% dos seus trabalhadores, e as usinas continuam funcionando normalmente. Nestes números, entretanto, não estão contabilizados os bóias-frias vinculados aos fornecedores de cana.

(Página 12)